

MALAMBADOCE[®] E- Magazine

Doce que nem beijo na boca

Publicação Virtual
de Arte e Cultura
Chapada Diamantina
Brasil

**FRANCINETI
CARVALHO**

Uma poetisa perfeita.

KATHLEEN LESSA

A Dama do Poetrix

SONETANDO
Com Celê

A Luminosidade Poética do... 

Mestre
JACO
FILHO



**E-Magazine
Malambadoce
Cultura & Arte**

GRÁTIS

www.malambadoce.com.br

Se ÚTIL
está BOM!
é BELO?
esta CERTO,
é JUSTO.

Sendo JUSTO,
é CERTO
que o BELO
é BOM,
quando ÚTIL.

Se BELO
e ÚTIL
é JUSTO,
está CERTO
é BOM.

está CERTO
é JUSTO.
o ÚTIL
é BELO,
quando é BOM.

artur ghuma

CONTEÚTO



MALAMBADOCE

Publicação Virtual/Mensal
de Arte e Cultura
Chapada Diamantina
Brasil

EDITORIAL

MALAMBADOCE é um E – MAGAZINE
voltado para a Literatura e Cultura em Geral.
Pretende circular no universo poético do Recanto
das Letras, e é direcionado para este público que
por lá circula. Homenagens, notícias, novidades,
entrevistas, tudo muito colorido e agradável
como este tipo de mídia requer.
A intenção é promover o talento

ATRASADINHA, MAS ENXUTA.

Expediente:

Editoração:

ZOHAR TV

Textos:

Recantos das Letras

Fotos:

Sthel Braga

Net

Designers Gráfico:

Artur Ghuma

Maria Pereyra

Reportagens e Pesquisas

Artur Ghuma

Colaboradores(RL)

*Dolce Vita *Jacó Filho*Ghuma *

*Mario Roberto Guimarães *Lacuna

Coil *Bob Batista *Cêlediana Assis

*Kathllem Lessa * Mell Melo

*Francineti Carvalho *Nina Flor

Diana Loira * Laura* Maria Pereyra

* Ana Ferreira(Ana Flor do Lácio)

Como sempre, correu para se arrumar.
Justo na hora que precisava sair...
Olhou-se no espelho e conferiu.
Agora sim, estava bom, mais magra.
Compacta, diria se perguntada.
Ajustou-se líquida na vasilha
Ou ao contexto como embalagem.
O certo é que não exagerou
Nem carregou na maquiagem.
Ficou bonita, ajustada, chic
Fiquei até com vontade de beijá-la.
Tomei-a pela cintura e carreguei
Girei-a nos braços como um amante
Feliz em momento mui particular
Enquanto sorridente e exibida
Mostrava-se sutil no giro.
Enfim, sai a revista de junho
Como uma amante atrevida
Atrasada e enxuta...
Pronta para o deleite.

Diretor de Criação
Editor Responsável
Artur Ghuma/Maria Pereyra



PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS
Web-Designer*Publicidade*Negócios
Produção de DVD/Videos/Audios



ALMAS DO RECANTO

ENTREVISTA:

FRANCINETI CARVALHO

Uma poetisa perfeita.

Malamba:

Diante da tua vida agitada, os compromissos que te envolvem, e me parece sempre te envolveu, dado que és filha de político e respiras este ar desde a tua infância, quando te descobriste poetisa?

FRANCINETI:

Desde menina quando falava da vida através de rimas.

Malamba:

Quem é esta poetisa?

FRANCINETI:

Uma mulher com muitos focos. Sou psicóloga por formação, mãe por amor, servidora pública de carreira, defensora da saúde mental por compromisso ético, prefeita pela vontade do povo, poetisa por dádiva divina e apaixonada pela vida graças a poesia.

Malamba:

Diga- nos: És uma poetisa perfeita, ou uma perfeita poetisa?

FRANCINETI:

Sem dúvida sou uma poetisa perfeita.

Malamba:

Qual a força da poesia na tua vida?

FRANCINETI:

GRANDE. Parece contraditório, mas a poesia me mantém forte e sensível.

Malamba:

A poesia influencia ou influenciou a tua vida sentimental.

FRANCINETI:

Sempre.

«Sou psicóloga por formação, mãe por amor, servidora pública de carreira, defensora da saúde mental por compromisso ético, prefeita pela vontade do povo, poetisa por dádiva divina e apaixonada pela vida graças a poesia.»

Malamba:

Sabemos que é uma mulher de fibra, bonita, e que exerce um papel muito importante na vida da tua cidade, diríamos és uma prefeita POP, isto se deve a que? A tua verve poética que encanta quando falas, ou o teu estilo, uma artista no executivo, valendo-se do charme que possui e do carisma natural?

FRANCINETI:

Obrigada pelos elogios. Não sei se sou Pop. Mas se o povo me vê desta forma... Acho que muito desta curiosidade em relação a minha atuação na política deve-se ao fato de ser a primeira mulher eleita prefeita em Abaetetuba.

Falar de coisas nem sempre enfrentadas por políticos, como violência doméstica, liberdade sexual das mulheres, garantia de acesso à arte...

Malamba:

Imprimes teu lado poético na tua vida profissional?

FRANCINETI:

Sim. Quando atuava como psicóloga hospitalar num hospital psiquiátrico usava a poesia como instrumental terapêutico.

Na política também olho projetos com olhar poético, mas sem perder a objetividade do orçamento...

Malamba:

Colocas este teu lado gestor na poesia?

FRANCINETI:

Não. Coloco a poesia no meu lado gestor...

Malamba:

Como administras este lado cerebral sonhador próprio dos poetas, diante das exigências do outro lado, o prático?

FRANCINETI:

É muito difícil, mas como disse na pergunta anterior tento fazer o meu sonho caber no orçamento.

Malamba:

Quem é a Prefeita Poetisa?

FRANCINETI:

A prefeita poetisa as vezes sente-se um pouco atormentada diante das impossibilidades da realidade.

Malamba:

E a Poetisa Prefeita?

FRANCINETI:

A poetisa poeta é uma mulher imensamente feliz. Uma mulher que pode tudo entre versos, desejos e rimas.

ALMAS DO RECANTO

FRANCINETI CARVALHO

Retalhos da minha infância.

1. O homem perfeito.
Aquele que me encontro quan-
-do estou apaixonada.
2. Eu gosto no Recanto.
Da liberdade de expressão.
3. Não gosta no Recanto.
De brigas e picuinhas entre
poetas.
5. Medo.
De perder a minha filha que é
única.
6. Convicção.
Deus existe.
7. Deus é...
Bondade e amor
8. Futuro:
Incerteza
9. Algo inesquecível:
O nascimento da minha filha.
10. Grande momento.
Minha posse como prefeita.
11. Sonho.
Reduzir a zero os indicadores
negativos da minha cidade
(analfabetismo, desnutrição,
violência)
12. Ser mãe é...
MARAVILHOSO.
13. Um dia ainda vou...
Viajar para a Grecia.
14. Meu maior defeito.
Sou muito ansiosa.
15. Minha maior virtude.
Sou extremamente guerreira.
16. Melhor coisa do mundo.
A vida.
17. Pior coisa do mundo.
Inveja.
18. Algo que jamais faria.
Matar.
19. Algo que gostaria de fazer.
Cantar.
20. Uma alegria.
São tantas: o nascimento da
minha filha, minha vitória na
eleição, Encontrar meu amor...
21. Uma tristeza.
A morte do meu pai.
22. Vida.
Poderia ser bem melhor (...)
mas é bonita, é bonita..."
23. Morte.
A única certeza que temos.
24. Uma frase. "Sou imenso,
sou contraditório. Há multidões
dentro de mim."
25. Se o mundo te ouvisse
Eu pediria paz.

Menina do interior, fui criada numa casa com um enorme quintal convivendo com plantas e animais. Também convivi com padres e feiras. Estudei durante anos no Instituto Nossa Senhora dos Anjos (INSA). Pelo nome já dá para ver que fui educada para ser meiga e pura, uma verdadeira "anja". Por outro lado, o fato de viver numa casa grande sempre cercada de irmãos, primos e vizi-nhos estimulou meu espírito de liderança. Das crianças da minha família eu sempre fui a que coor-denava o grupo. Rodeada de colegas eu comandava as brinca-deiras e travessuras. No quintal de casa eu e meus amigos subía-mos nas árvores para apanhar goiaba, mamão e araçá. Também lembro da guerra de jenipapo. Era uma brincadeira divertida, ficávamos imundos e felizes. Foram muitas as cenas da minha infância que marcaram a minha memória, entre elas o cheiro do bolinho de farinha fritando na co-zinha, o brigadeiro feito pela vo-vó Rosa e o primeiro beijo que dei escondida atrás de uma corti-na. Lembro que eu tinha doze anos e fui brincar de " pira escond-de" com os meus primos. Eu e o Luizinho, que tinha a minha idade, nos escondemos juntos e lá aconteceu meu primeiro beijo. Eca! eu disse para ele: isso é horrível, você babou na minha boca. Porém, algumas semanas depois, eu já não achava horrível beijar na boca e não por acaso, a minha brincadeira predileta era "pira esconde". Atualmente porém, de todas as cenas de minha infância uma tem estado constantemente presente no meu pensar. Aos oito anos eu viajava de bar-co de Abaetetuba para Belém. De repente começou uma forte tempestade, seguida de uma

grande maresia e o barco começou a jogar. Todos os passageiros ficaram agitados, uns choravam, outros gritavam, outros rezavam, mas todos corriam para o mesmo lado do barco. Parecia que a embarcação ia tombar. Fiquei apavorada e também desejei correr. Meu pai pegou-me pela mão e me levou para o lugar mais alto do barco. Com aquela tranquilidade que lhe era peculiar colocou-me um salva-vidas e disse: filha sempre que um barco ameaçar de afundar, afaste-se da multidão e vai para o lugar mais distante do tumulto, porém se veres que não há jeito pula o mais longe possível assim você evita o risco de ser tragada pela força das águas. Nós ficamos de longe observando a confusão. A tempestade passou e chegamos à Belém sãos e salvos. Eu desci segurando firme na mão do meu pai e pensando cheia de orgulho: este é o meu herói. Até hoje todas as vezes que percebo que há risco de um barco afundar esse pensamento invade o meu coração e ouço a voz do meu amado pai dizendo: filha pula para bem longe para não ser tragada pelas águas. Hoje faz trinta e dois dias que o meu amado pai foi viver junto a Deus. A minha saudade é grande, mas todos os dias recordo essa cena e entendi que o que ele queria me dizer é que nos mo-mentos da vida em que há risco de afundarmos e preciso afastarmos tranquilamente para esperar a maresia passar ou pular para bem longe da situação para não sermos tragados pelas águas da vida.

Sou mulher

Posso pari,
posso emprenhar,
posso trabalhar,
posso encantar,
sou de ciclos como a lua,
tenho a força do sol,
sou delicada como uma rosa,
sou capaz de vidas gerar e
alimentar,
mas também sou capaz de um
exército enfrentar
quando vejo que alguém ao
meu bem deseja maltratar,
sou mulher,
sou guerreira,
sou doce e faceira.
força e beleza,
garra e leveza,
enfrento as lutas da vida,
trago a cabeça erguida
e o coração pronto para amar.



MARÉ

Maré lançante lança tuas águas
sobre mim, vem com a força da
lua cheia, pois sei que encantas
homens, mulheres e sereias.
Maré lançante que vem forte
lavando as terras do norte
Maré lançante tuas águas
fertilizam as terras de nossas
ilhas e alimentam minhas idéias.
Nas águas dos rios da minha
terra tive muitos momentos de
vida traçados.
Por muito pouco não nasci
dentro de um barco

*«Coloco a poesia no meu
lado gestor...»*

Pelas mãos de uma parteira vim
ao mundo no mês de Julho sob
o signo de leão e com a proteção
de Yansã, que comanda os
ventos e as tempestades.
Eu desde pequena amava os
rios da minha terra, meu primeiro
beijo dei a beira de um rio quando
admirava um navio, tantas vezes
me banhei num igarapé, gosto
mesmo é de andar a pé, mesmo
longe sinto cheiro de maresia, não
consigo viver sem poesia.
Maré lançante lança tuas águas
sobre mim, eu preciso lembrar do
boto e do curupira, imagens da
minha infância e da fantasia.
Eu cresci, estudei e me formei,
mas nunca esqueci as histórias
que acreditei, até hoje imagino o
boto. Será que ele virá?
Ele vem de noite ou durante o
dia? Veste branco? Cheira a
maresia? Não sei.
Só sei que ele faz parte da minha
fantasia.

QUINTESSÊNCIA

bob batista

Quintessência
É imolar o amor
É amar a vida por esporte
E regurgitar o que há por dentro
Até expor-te

É perseguir a vida até a morte
Fazer amor primeiro
Depois fazer a corte

É liberdade como alimento
Linimento que acalenta a hoste
É o movimento do dia perseguindo a noite
É a unidade das coisas nascida do dois
É a energia espírito nativa do nous
É a igreja dos homens batizando Deus

É imolar a dor com um corte
Ressuscitar a vida no seio da morte
Até que da morte nasça a noite

É perseguir o bem sem indispor-se
É amar primeiro a vida
Depois zombar da sorte

É rasgar o véu da Ísis sem deslize
Deixar à vista o ventre virgem da Virgem
Vixe Maria! Viuge Santa Mãe de Cristo!
Osiris-Rá. Hórus, Orumilá
Meu Senhor do Bonfim, Oxalá
É o fim do mundo, o juízo finá
É o movimento da vida nascida do ventre
É a justiça divina pesando corações
É a polaridade da vida nativa do nous
A força da vida impregnada de Deus

A POESIA PÓS INTERNET

CELÊDIAN ASSIS

uma abordagem sucinta

Podemos dizer que advento da internet é relativamente “jovem”, com pouco mais de 40 anos. Este se deu na década de 60 e em 69 foi transmitida a primeira mensagem pelo correio eletrônico entre dois computadores (e-mail em rede) situados em locais distantes e quase dois meses depois do primeiro nó que deu origem à Internet. Contudo, o boom (explosão) e a popularização da Internet só se deram na década de 1990. Até 2003, cerca de mais de 600 milhões de pessoas no mundo estavam conectadas à rede e em 2007 cerca de 1 bilhão e 234 milhões de usuários (Fonte: Internet World Statistics). Já no Brasil os dados mostram que em 2010 a audiência na internet brasileira foi de 73,7 milhões de pessoas a partir de 16 anos e 80,3 milhões a partir dos 12 anos, de acordo com o IAB (Interactive Advertising Bureau). Esses dados permitem inferir que a internet tornou-se uma ferramenta valiosíssima de troca, compartilhamento e fluxo contínuo de informações por todo o mundo. Para a literatura tal advento tornou-se notável, pois representou uma maior facilidade e comodidade, comparada à busca por livros impressos em papel. O homem muda através dos tempos e com ele mudam também as formas de expressão artística e em cada período existem obras e autores que apresentam certas afinidades entre si, o que em literatura constitui um estilo de época, um movimento literário. Todavia não é prudente considerar que todos os poetas, escritores de uma mesma época pertençam a

este ou aquele estilo ou movimento literário, pois muitos deles não se ligam à tendência literária, ou alguns autores estão muito à frente de seu tempo, o que não permite enquadrá-lo ao estilo vigente.

«...alguns autores estão muito à frente de seu tempo.»

Graças a originalidade dos autores, ao estilo próprio ou maneira típica de cada um exprimir seus pensamentos através da linguagem, isto é, a sua expressão que reveste uma forma característica, através da qual se manifesta sua sensibilidade e a feição peculiar de seu espírito, diferenciam-se uns dos outros. Além das características individuais, o estilo revela também os traços psicológicos de uma sociedade e as tendências dominantes das diversas escolas e correntes literárias através do tempo. Neste contexto podemos dizer que na atualidade a poesia e a literatura em geral, se enquadram em um estilo bem eclético, pós moderno, pois os artistas das palavras criam suas obras ora seguindo tradições das escolas literárias, ou simplesmente as ignorando, tornando mais evidente o seu estilo pessoal. Entretanto, é preciso notar que nenhum artista é indiferente à realidade e a sua arte está incontestavelmente vinculada à sociedade na qual ele vive. Partindo de suas experiências pessoais e sociais, o artista recria a realidade, dando origem a uma supra realidade ou a uma realidade ficcional, pelas quais transmite seus sentimentos e ideias ao mundo real, de onde tudo se originou.

Posto que, estamos inseridos no momento da história atual e que a internet oferece uma avalanche de ofertas de espaços para divulgações, via sites pessoais ou comunitários, blogs pessoais, entre outros meios e que através dela pode-se alcançar autores e leitores de todo o mundo, é possível observar dois pontos interessantes:

1- houve um resgate do interesse pela poesia, antes mais restrita ao meio escolar, acadêmico e que nem todos tinham acesso. A internet proporcionou facilidade de visibilidade, valorizou a liberdade de expressão e abriu espaço para a manifestação da criação artística; 2- por conta dessas mesmas facilidades propiciou-se também a inserção no meio, de uma poesia sem muitos critérios no que concerne à forma e ao conteúdo, ou seja, os aspectos que envolvem a construção do texto, vocabulário, sintaxe, sonoridade, imagens, disposição de palavras e por fim, as ideias e os significados dos textos. A literatura é um instrumento de comunicação e apesar de estar ligada a uma língua que lhe serve de suporte, não está presa a ela e faz uso livre da língua, chegando a subverter suas regras e o sentido de suas palavras, conferindo-lhes multiplicidade. Portanto, é difícil avaliar se a internet trouxe com a liberdade de expressão da criação, maior valorização ou banalização da poesia no sentido de qualidade.

SONETANDO

Com Celê

NINHO

Ouvia no oco vazio do silêncio, ecos das lembranças,
dos amores que ludibriaram sonhos e a vontade de amar.
Eram ruídos murmurantes, como escoar de águas mansas,
Perseverantes e como se demarcassem no tempo, o lugar.

Não se adivinhava do seu movimento simulando danças,
E nem se cogitava, contudo, dos desvios por onde rumar,
Retrocedendo à margem e reavendo mortas esperanças,
Onde a emoção do presente era caminho novo a trilhar.

Vislumbrava agora em um ninho, o fim de desesperanças,
Num peito macio, tal alcatifa, por onde mãos a passear,
Repousavam ternamente, em cúmplices desejos, alianças.

Como toques suaves na alma, mágicos gestos a acariciar,
desenhavam-se afetos, os esquecidos, em sutis mudanças,
que descompromissadamente, restituíam o gosto de amar.

ECOS DA INQUIETUDE

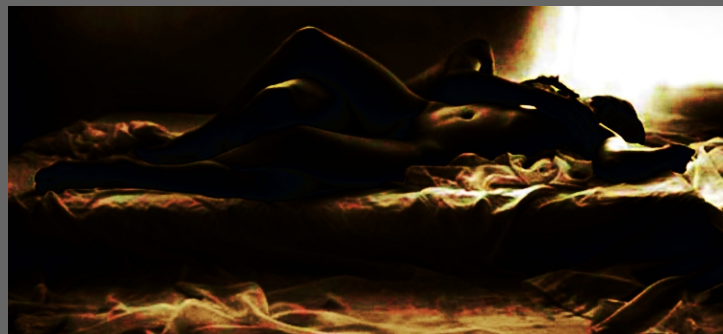
Um grito mudo, rompendo a surdez do vento,
alcança os ouvidos das longínquas montanhas.
O eco surdo rompe a mudez do pensamento,
libertando dores encarceradas nas entranhas.

Atordoada a mente, ouve da alma o lamento,
como cantigas desafinadas, soando estranhas,
no elo perdido entre memórias e esquecimento,
Contemplo o som dos ecos em suas artimanhas.

Do olhar do qual ora me invisto, ora me isento,
para as cores cinzentas do reflexo das sanhas,
contrastam tons esmaecidos de um momento,

Que, mais amenos tingem as dores tamanhas.
Busco a paz nas cores e sons e em tal intento,
faço minha cúmplice a quietude das montanhas.

CUMPLICIDADE



Na harmoniosa coesão dos lábios mudos,
Suaves, molhados, com brilho de cetim,
Carícias doces, macias como os veludos,
Simulam no céu da boca, estrelas, frenesim.

Com seu brilho tão intenso e diferente,
Nas cores dos beijos em total deleite
Um prazer puro, que deixa inerte a mente
Prolongado, mesmo que não se suspeite.

Dos cheiros, brilhos, sabores e cores,
No cúmplice toque dos são desejos,
Corpo e alma sanam todas as dores.

Em gestos simples e tão marcantes,
Os beijos selam e pactuam silentes,
Os anseios íntimos, tão semelhantes.

Celêdian Assis

<http://www.recantodasletras.com.br/autores/celedian>

<http://sutilezasdaalmaemente.blogspot.com/>

<http://www.poetastrabajando.com/revista/2011/01/entrevista-a-celedian-assis/>

<http://coisasdepoetas.blogspot.com>

www.poetastrabajando.com

RITUAL POÉTICO

**a leitura passa a ser lugar de
olhar , lugar de tocar , de
cheirar , de sentir... "**

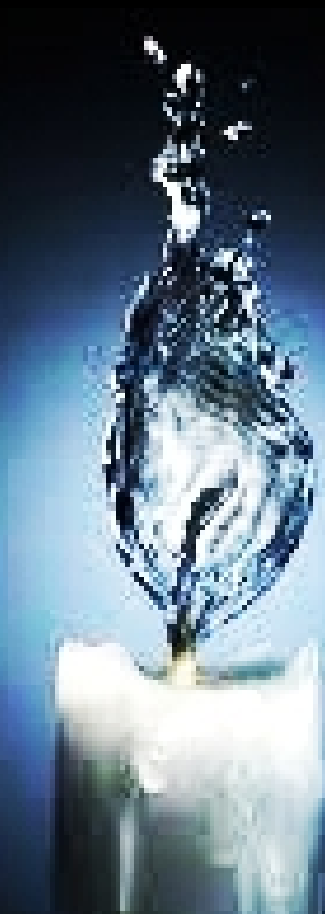
Assim sinto a poesia em mim
..saindo de mim ... bailando ao
redor ... se desgarrando dos
meus refúgios ... subterfúgios ...
e ensaiando passos
desensaiados ... braços abertos
em leque que abriga brisas
..sopros da alma ... sussurros
em linguagens adversas ...
avessas à correções
..desobediente das gramáticas
racionais ...

Assim colho e recolho a poesia
que vem de ti ... ela vem
mixigenada em todos os
sentidos ... paladar provocado
pelo gosto forte ...bebida quente
que desce em torpor suave
,deixando a suavidade e
afinidade entorpecer ...

A poesia nos aproxima de quem
realmente queremos ser ...
daquele ser que nos faz brilhar
ate nas cavernas esquecidas
pelo tempo real ... onde
escrevemos nas paredes
intuídos por um coração sem
muros , sem grades ...

A poesia nos comove ao seguir
caminhos adiante ..levando
avante o que era ,só e somente,
semente ... é a alma sendo mais
do que nosso corpo material
alcança ... é este efeito especial
que o outro pode perceber ...
que o leitor pode entender
mesmo sem nada dizer ...
é contato imediato de alto grau

É nossa verdade tão
momentaneamente apaixonada
pela ideia original de se deixar ler...



MELL MELLO

Deixem-me falar de...

CAMÕES



Ana Ferreira
Flor do Lácio

Hoje, dia dez de junho, festeja-se o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas (espalhadas pelo mundo). Foi escolhida esta data para celebrar o Dia de Portugal porque no dia 10 de junho (de 1580) morreu Luís Vaz de Camões, grande patriota e poeta luso. Neste dia, relembram-se os feitos passados dos portugueses e aqueles, que pelos desejos da vida, vivem fora de Portugal e se encontram espalhados pelos quatro cantos do planeta.

Dia de Portugal é sempre dia de festa, dia de congratulação e de encontro entre as gentes de um povo. Várias vezes este dia mudou de nome. Já foi de Camões, por onde começou. Já foi de Portugal, da Raça ou das Comunidades. Agora, é de Portugal, de Camões e das Comunidades. Contudo, é sempre o mesmo que se festeja: Portugal e os Portugueses, pois o que comemora é sempre o país e o seu povo.

Como portuguesa que sou orgulho-me de poder dizer que temos a felicidade única de aliar o dia da festa nacional a Camões: o poeta que nos deu a voz. O poeta que é a nossa voz. Orgulho-me de poder dizer que Camões é o grande escritor da língua portuguesa e um dos maiores poetas do mundo. E é também, com muito orgulho, que digo que a Língua Portuguesa é uma das seis grandes línguas do mundo.

Quando se escolhe alguém para nos representar, escolhe-se um herói. E o herói do meu país é Camões que, nos mostrou o que é a liberdade, o espírito insubmisso e o esforço empreendedor, através da sua humanidade, simplicidade e pobreza. Mas não só Camões representa Portugal. Existem outros valiosíssimos símbolos que o representam e que também fazem parte da História:

- *a bandeira nacional
- *o hino nacional
- *o Fado
- *a moeda nacional (antes do euro)
- *e a língua portuguesa

E todos eles merecem ser honrados.

Desejo a todos os portugueses um Dia de Portugal muito feliz. Mas que a efeméride não seja o pretexto para lembrarmos dos nossos antepassados e da mãe Pátria. Que todos os dias possamos recordá-los com um sorriso nos lábios e alegria no coração, ainda que a nossa terra natal se encontre do outro lado do oceano. Possamos, também, neste dia refletir sobre nosso futuro e nossa vida nas terras que nos acolheram de braços abertos. Desejo um dia muito feliz a todos os utilizadores da língua portuguesa, um traço cultural comum a todos que a falam, sejam brasileiros, portugueses ou cidadãos de outras nações que possuem esta língua como idioma oficial.

CAMÕES:

O PRINCIPE QUE MORREU SÓ E POBRE

No dia 10 de junho de 1580 morria Luís Vaz de Camões, considerado o maior poeta português, e uma das maiores figuras da literatura mundial.

Camões representa o génio da pátria, Portugal na sua dimensão mais esplendorosa. Foi o autor que mais elogiou os atos heróicos dos seus antepassados... Patriota é aquele que ama a sua pátria, que a serve e que, se necessário se sacrifica por ela.

-fica por ela.

Camões demonstrou isto muito bem no seu poema épico “Os Lusíadas”, onde enaltece o povo português pela sua coragem e pelos seus feitos.

A obra é considerada a epopeia portuguesa por excelência. O próprio título já sugere as suas intenções nacionalistas, sendo derivado da antiga denominação romana de Portugal, Lusitânia. Não se sabe a data exata do seu nascimento porque naquele tempo não se faziam registros, mas sabemos que Camões nasceu em 1524 ou 1525. Passou a infância e a juventude em Coimbra que, na época, era um grande centro cultural. Aí existia uma biblioteca muito rica e completa, onde Camões estudou. Dominava perfeitamente o latim e o espanhol, era dono de uma vasta cultura e de uma memória prodigiosa.

Filho de nobres, frequentou a corte de D. João III, em Lisboa. Mas a sua vida não foi só estudos. Gostava da boémia e tinha grande facilidade em conquistar corações femininos. Por isso era muito invejado pelos fidalgos ricos. Mas, apesar da sua riqueza viveu quase sempre como um pobre soldado, cheio de dívidas, tendo permanecido 17 anos afastado da Pátria.

Dono de uma personalidade impulsiva, esteve preso nove meses. Quando libertado, embarcou como simples soldado para Goa onde, um certo dia, convidou cinco nobres portugueses para um banquete em sua casa. Eles ficaram surpreendidos quando encontraram os pratos cheios de folhas de manuscritos de poesias, em vez das iguarias que esperavam. O nobre, mas simples e humilde poeta, quis, desta forma mostrar aos seus compatriotas enriquecidos na Ásia, até que ponto estava pobre. Ao logo dos seis meses que passou no mar, enfrentou terríveis tempestades, conheceu aldeias, nativos, civilizações estranhas, o que lhe forneceu matéria-prima para algumas cenas de “Os Lusíadas”, cheias de pormenor e intensidade.

Numa dessas expedições perdeu um dos olhos. Em Macau, para onde foi mais tarde, escreveu, inspirado em obras da Antiguidade Clássica, uma grande parte da sua epopéia. De regresso à Índia, o navio em que viajava sofreu um naufrágio na costa do Camboja. Camões salvou, nadando só com um braço e com o outro estendido por cima das ondas, o precioso manuscrito de “Os Lusíadas”. Permaneceu em Macau onde se perdeu de amores por uma mulher chinesa, que se chamava Dinamene. Nela inspirado escreveu uma boa parte da sua epopéia. Mas a fatalidade de novo batera à sua porta quando, mais tarde, ela morreu afogada num naufrágio. Então, em sua honra, Camões escreveu um dos seus sonetos mais bonitos, cuja primeira quadra é:

“Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo desta vida descontente
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.”

Em 1567 embarcou para Portugal, interrompendo a viagem em Moçambique, onde concluiu a sua obra literária. Aqui viveu na miséria. Alguns amigos pagam-lhe as dívidas e a viagem de regresso a Portugal.

O seu único rendimento era uma renda de 15 mil réis anuais, equivalente a uma reforma de soldado, que El-Rei lhe mandou pagar como recompensa pela publicação de “Os Lusíadas”. E na sua amada pátria morreu, abandonado por todos. Foi sepultado num coval aberto do lado de fora da Igreja de Santana. Atualmente, seus restos mortais jazem no Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa. Entretanto, a sua obra continua a ser admirada por todos. Além da epopéia “Os Lusíadas”, escreveu muitas redondilhas, sonetos, odes, canções, sextinas e élogos que nunca foram impressas pois o poeta não tinha recursos materiais. Passaram-se 431 anos e, aquele que foi sepultado embrulhado numa mortalha dada por um mendigo é, na atualidade, considerado como o maior poeta de língua portuguesa (o Príncipe) e um dos maiores da Humanidade. Tem sido comparado a Virgílio, Dante, Cervantes e Shakespeare. Pertence aquele grupo de seres que vivem para além da morte, “... que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando...”, como ele próprio escreveu quando se referiu aos heróis portugueses.

O destino da obra de Camões foi mais feliz do que o do seu autor. Traduzida em várias línguas, tem um lugar de relevo na literatura universal. Muitas gerações de poetas têm sido influenciadas pelo seu estilo e, nada melhor que alguns poemas dos seus poemas (sempre atuais), para comemorar o seu dia e o dia de Portugal:

«Pertence aquele grupo de seres que vivem para além da morte - que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando...»



Poemas dedicados à pátria:

As armas e os barões
assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes
navegados,
Passaram ainda além da
Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força
humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto
sublimaram...
(Os Lusíadas- Canto I)

Poemas dedicados ao mundo: Ao desconcerto do Mundo

Os bons vi sempre passar
No Mundo graves tormentos;
E pera mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau, mas fui castigado.
Assim que, só pera mim,
Anda o Mundo concertado.

Poemas dedicados ao amor:

Amor é fogo que arde sem se ver

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Retrato de esmalte (de Limoges), de Jacques Audouin, com 29 por 23

LUDOVICVS . DE . CAMÕES .
PRINCEPS . POETARVM .
LVSITANORVM

Poemas dedicados aos tempos e mudanças:

Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades

Mudam-se os tempos, mudam-se
as Vontades,
Muda-se o ser, muda-se a
confiança:
Todo o mundo é composto de
mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança:
Do mal ficam as mágoas na
lembrança,
E do bem (se algum houve) as
saudades.

O tempo cobre o chão de verde
manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o
doce canto.

E afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor
espanto,
Que não se muda já como soía.

DE PÁSSAROS E GENTE



Desde menino, me incomodava bastante o costume que têm muitas pessoas de aprisionar, em gaiolas, pássaros das mais diversas espécies.

Quando da minha adolescência, eu tinha vários colegas e um primo que tinham o hábito de cobrir as gaiolas com uma capa de pano, levando-as à rua. Diziam que, assim, os passarinhos ficavam mais mansos, o que, no fundo, significava que eles se tornavam mais acostumados à prisão. Em minha casa, mesmo, eu tinha que argumentar com meu pai, que sempre teve dois ou três coleiros em gaiolas. Muitas vezes tentei, sem sucesso, demovê-lo desse hobby de “criar” os pobres animais. Nessas ocasiões, ouvia as mesmas justificativas para esta atitude. Dizia ele que, se os soltasse, eles não saberiam defender-se e morreriam de fome, de vez que, muito cedo, foram capturados e colocados em cativeiro. Eu retorquia que assim era porque algum “espírito de porco” aprisionara os pássaros e os dera a meu pai, a título de presente.

Conversando com as pessoas que colecionam passarinhos, ouvimos os mais absurdos pretextos, como forma de explicar o porquê de tão maldosa prática. Há os que dizem que tratam os pássaros muito bem, dando a eles do bom e do melhor, o que lhes daria condições de vida mais satisfatórias que as que tinham quando em liberdade, o que, convenhamos, é de um cinismo ímpar. Alguns outros, não menos dotados de singular desfaçatez, alegam que os pássaros aprisionados ficam a salvo dos predadores e poderíamos citar uma série de outros argumentos, todos eles curiosos, se não fossem ridículos.

Essas desculpas para manter os pequenos animais em gaiolas cumula com a tese segundo a qual seria essa a maneira de, a qualquer tempo, poder apreciar a beleza de seu canto, um deleite aos ouvidos sensíveis e de bom gosto. Ora, amigos, temos que concordar que é ir longe demais.

Seguindo esse “raciocínio”, há de acabar aparecendo quem se ache no direito de encarcerar pessoas que tenham uma voz sabidamente privilegiada, como seria o caso de Whitney Houston, Neil Diamond, Celine Dion, Bill Medley e outros.



Mário Roberto
Guimarães

ESCRITOR E ÁGUA POTÁVEL SEMPRE ENTRAM PELO CANO

Seja em verso ou prosa,
Ao exercitar a arte,
Todo poeta faz parte
De um mundo cor de rosa,
Onde vigora a famosa
Máxima, de cujo plano,
Entra ano e sai ano,
Escapar não é provável:
Escritor e água potável
Sempre entram pelo cano.

É verdade que o artista,
Em qualquer modalidade,
Passa por dificuldade,
Para agradar a vista
Do cidadão ao turista,
Ante o ato soberano
De quem julga, leviano,
O que não é agradável.
Escritor e água potável
Sempre entram pelo cano.

Se publica sua obra,
Ganha editor e livreiro,
Mas ao autor, altaneiro,
De fato, pouco lhe sobra,
Já que tudo se lhe cobra,
A título de perda ou dano,
Num esgar quase profano,
D'alguém pouco confiável.
Escritor e água potável
Sempre entram pelo cano.

Assim, resta, simplesmente,
Esperar que algum dia
Haja uma melhoria
Na situação vigente,
Que se plante a semente
De sistema mais humano.
Do contrário, ledo engano,
Pensar tornar-se notável.
Escritor e água potável
Sempre entram pelo cano.



TEU NOME

O som da sinfonia em allegretto,
O despertar de mil aves canoras,
O tom avermelhado das auroras,
A secular magia de um soneto,

A lágrima que rola, quando choras,
O canto harmonioso de um quarteto,
A dor pungente, de um sofrer concreto,
Se, de saudade, são as tuas horas,

A solidão, que fere e consome,
A pena encantada do poeta,
A placidez sem par da natureza,

São coisas de fantástica beleza,
Mas uma há, que soa incompleta:
Falar de amor e não dizer teu nome.



COMENTÁRIOS NA TERRA DA FUMAÇA a internet

Diana

Escrever é um ato mágico e o escritor, sendo artista, é um vaidoso por natureza. Na psicanálise a vaidade está ligada ao narcisismo e, em tempos de exibicionismo, quando equilibrada pode ser encarada de forma positiva; escreve-se pelo prazer de exibir a idéia, pelo prazer de saber da leitura de sua obra. Bilhetes suicidas talvez sejam os únicos textos desprovidos de vaidade, todavia ainda guardo minhas suspeitas, ainda há as avaliações grafotécnicas. Os que divulgam seus textos desejam leituras, até porque quem pretende guardar para si idéias NÃO AS PUBLICA. Conclui-se sobre a receptividade da escrita principalmente, através dos comentários.

No Recanto das Letras, como em qualquer outro site de escritores, comentários e leituras – avaliados isoladamente – não podem caracterizar a qualidade do autor, visto que o desempenho social no site (te.visito.me.visita), a periodicidade das publicações, os temas abordados, são fundamentais para atingir os primeiros lugares no 'ranking' dos mais lidos. Mas certamente, podem os comentários atingir a vaidade do escritor, especialmente dos que objetivam inter-relações proporcionadas por suas 'peças teatrais'.

O comentário é construído através da percepção do leitor|receptor e muitas vezes estes desconsideram as inspirações subjetivas, as metonímias pessoais, emoções transcritas nos versos, quantidade de picaduras da mosca das letras do autor. Quando formulados a partir de bases irreais podem causar falsas paixões, conflito entre egos, opiniões, principalmente se ultrapassam limites do bom senso atacando a reputação do outro.

Quem ousa descerrar as cortinas no mundo dos comentários é sempre surpreendido por situações espirituosas ou desconfortáveis. Intriguistas e alcoviteiros sempre existiram por trás dos bastidores do Recanto, assim como mentirosos e paqueradores. Os escritores da literatura erótica que o digam! Quantas serão as cantadas; amores despertados; interpretações equivocadas; ataques morais a despeito de seus personagens?

Para Vitor Manuel de Aguiar e Silva, em seu artigo cujo título é 'A Criação Poética': "...a sinceridade psicológica não possui valor no plano da inspiração". Para isto, ao realizar a leitura de um texto deve-se considerar a dor fingida, a angústia figurada de qual quer poema; partir do princípio do eu-ficcional, do habitat de não existir. Deve-se saber que personagens respiram em irreal, que pernas cruzadas, bocas lambendo e corpos sangrando não passam de pixels|garranchos do escritor. As verdades dos textos estão penduradas nas vírgulas, apoiadas em exclamações ou ficam suspensas em reticências...

Na visão geral sobre a Literatura Recantista, somente são 'atacados' os que destacam-se, graças ao talento, a beleza, inteligência, competência literária (para os padrões do algoz).

E num sítio onde todos julgam-se capazes de escrever, nesta TERRA DA FUMAÇA que é o Recanto, onde o que é escrito confunde-se facilmente com os componentes do ar, se uma idéia não é bem recebida deveria ser combatida em antíteses literárias, mostrando assim o contexto sob novo prisma: o do crítico.

Estou ciente de que um comentário não está subordinado ao elogio. Quando as farpas são lançadas, há divergência de idéias, de interpretações e opiniões. E críticas, quando

atingem a vaidade autoral, podem ser transformadas por alguns em desarmonia de convívio, iniciando um ataque desgastante entre os participantes. Entretanto, ainda que a vítima não reaja, este comportamento prejudica o andamento da rede de comunicação do Recanto, porque disputa, contesta, difama, com a LIBERDADE DE EXPRESSÃO, sempre de forma negativa, desconsiderando que 'o grupo tem algo positivo em relação a parte solitária'.



Escritores não necessitam ser idênticos para ter valor literário, e, aqueles que diferem merecem respeito. Idéias possuem gestação longa, por vezes vêm de mãos diversas, recombina-se, intertextualizam-se. Ao formular a Teoria da Relatividade, Einstein fez uso de estudos do matemático Poincaré. Daí a importância da liberdade das idéias: AS MAIS LOUCAS PODEM SER UTILIZADAS DIA DESSES. Porque apesar de nossa tendência belicosa, por instinto precisamos conviver em bando, assim como as idéias necessitam de conexões para nos levarem ao progresso! Aproveitemos nosso tempo ocioso para ajudar alguém, Angra dos Reis ou o Haiti!

O desrespeito à liberdade de expressão também ocorre anonimamente, sobretudo se o agressor quer ridicularizar, intrigar, caluniar de forma prepotente, agindo como um 'troll' (derivado da expressão inglesa 'trolling for suckers' - lançando isca para trouxas). Tal pessoa tem ação venenosa diante das regras da sociedade civilizada, cria discussão, provocações e/ou inflama egos, agindo por auto-afirmação, ideologia, traumas psíquicos, sacanagem ou mesmo por pura falta do que fazer.



Laura Sereia

1

Teu açude me transborda enquanto
sobejo em amor comprimido
Tuas feridas as consigo curar à
lambidas
Nossos corpos em balança, eu não
me canso, tu me arregaça
Mas há certa razão descabida que
me espaça de tua vida

2

Seduzido pela fricção das letras no papel
Arrebatado pela esfregação das
palavras no pensamento
Comeu-me num poema, pelo
poema, para o poema.
Depois me seqüestrou e,
hoje, me faz feliz

3

É claro que o amor cruzou meu caminho
Escuro, brotou em cimento-candanguinho
E flor arretada sobreviveu de tanto ser-tão-só
E então, germinados, cativemo-nos

4

Ao menor sinal agressivo é Cazuzu
exagerado à meus pés
Desamarras tuas vestes em dor
fingida de Pessoa
Deixa-me nua a olhos nus, é
exausto, é Fausto
Tempera e come com flores meus
pensamentos
Porém "de tudo, ao meu amor,
SEREIA atento"



ensaio poético

A Luminosidade Poética do...

Mestre
JACÓ
FILHO

MOMENTO MÁGICO



ensaio poético

Procuro relaxar e sentir-me inteiro,
Respiro fundo e limpando a mente...
Vou me concentrado, e lentamente,
Sou uno ao cosmo, e fiel tintureiro...

Com a mente limpa aguardo o sinal,
E o tema nasce, como vindo do céu...
A inspiração descortinando seu véu,
Tem da alta esfera, a ajuda e o aval...

Como instrumento do nosso Criador,
Registro em verso a visão concebida...
Que em geral retrata o amor e a vida...

Momento mágico, de extremo valor,
Que torna minh'alma, mais atrevida,
E cria da beleza faces desconhecidas...



BOLA DE CRISTAL

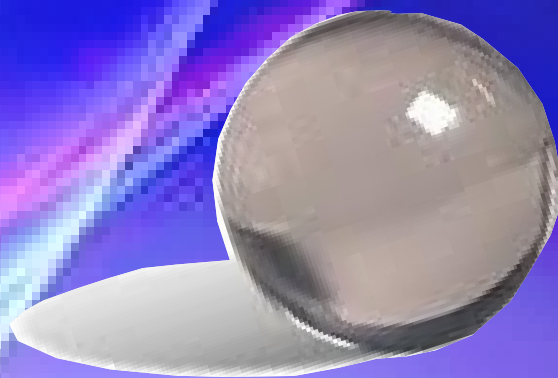
Carrego na alma, a memória universal,
Ligando-a ao todo, o cordão de prata...
Quando em sintonia, nada nos escapa,
Sendo em resumo, uma bola de cristal...

Leio grandes livros, na escrita original,
O universo no tempo, sinto expandido...
O que será, hoje, como se tivesse sido...
Matéria e energia no ambiente natural...

Uma mostra do todo e seus elementos,
Permeando dimensões, com intimidade
De quem já viveu, por toda eternidade...

A porta pra Deus, é aberta por dentro,
Com sabedoria e fé, vem a capacidade...
E Cristo nos deu, caminho e autoridade...

e
ensaio poético



e
ensaio poético



CUIDADO POETA

Ponha em teus versos, a alma e beleza,
Esconda o anseio, para seres entendido...
Quem sabe o seja, antes de ter morrido...
Entrega-te por fé, ao dom e a nobreza...

Como porta voz divino, tu representas,
Uma lente sóbria, que permite a massa,
Ver em versos segredos que ultrapassa
O poder dedutivo mesmo quando tenta...

Mas foste escolhido pelo espírito santo,
Mensageiro do bem, belo, e verdadeiro...
Não use tal dom só pra ganhar dinheiro...

Tua recompensa, em tempo e no tanto,
Depende do empenho, pondo-te inteiro,
Em cada obra prima, sob a luz do oleiro...

Sou centelha emanada a bilhões d'anos,
Existi num tempo que o hubble não ver...
Antes da matéria, com a essência do ser...
Na etapa consciente estou engatinhando...

Com sete coroas aos chacras conectadas,
Gerindo corpos físicos mais sofisticados,
A cada encarnação degraus são galgados...
Vir ser deus em Deus é a grande jornada...

Vivi em três reinos, até o mais complexo,
Recebi instruções pertinentes pras etapas...
A doutrina do caminho foi comum à raça...

As grandes bíblias, em registros diversos,
Acompanham-me feito a mãe que abraça,
Protegendo o filho, pra que arte, não faça...



A GRANDE JORNADA

RELAÇÕES DE FRONTEIRAS

O tamanho do nosso universo pessoal,
Tem muito a ver com nossa tolerância...
Os mais rígidos têm menos abundância,
De produtos e amizades de modo geral...

Alargar nossos filtros ao aceitar a vida,
Liberta-nos da perfeição que escraviza;
Em tudo que fazemos, o tempo suaviza...
Na alimentação aumentam as preferidas...

Reduz preconceitos e surgem amizades;
O organismo fica leve, melhora a saúde;
Sorrisos sempre e temos boas atitudes...

Nosso mundo se expande em felicidade,
E não precisa pedir que Deus nos ajude...
Ate mesmo o amor melhora a amplitude...

Lá do alto nosso Deus é a testemunha,
Que o governante não pode corromper...
A ladroeira tem tanto apoio pra crescer,
Na podridão que nem o crime supunha...

O planejamento e controle vêm de cima,
E a massa de manobra, nem se dá conta...
A juventude iludida, não enxerga pronta,
A armadilha invisível, como obra prima...

Ganho rápido, fácil, posto a seu alcance,
Tal qual o vício, que chega a classe alta...
Num primeiro instante, a grana o exalta,

Tal prazer novo que no viciado expande...
Alem do recurso, ao poder público falta,
A isenção no crime, onde a justiça falha...

CRIME ORGANIZADO





ensaio poético



A MAGIA AINDA CHORA

Quando nenhum conhecimento tinha registro...
A escrita e a linguagem estavam engatinhando...
O homem foi os quatro elementos em encanto,
O conhecimento intrínseco mágico e holístico...

O tempo deu à magia o dom do saber universal,
O homem explicou Deus, através da geometria...
A igreja sentindo a ameaça que outrora não via,
Criou meio e a perseguiu de forma descomunal...

Queimando livros e pessoas, inibia sua prática,
Para não perder o poder e hegemonia do saber,
Tornado seu os recursos, de quem fazia morrer...

Ciências modernas nascem de antigas práticas,
Com séculos de atraso, e tendo que reaprender...
A magia ainda chora por quem a fez retroceder...

LOUCURAS DE AMOR



ensaio poético

NOSSO PRIMEIRO BEIJO

A eternidade invadiu nossas vidas,
E vi nos seus olhos a cor do desejo...
Criei meu futuro no gosto do beijo,
As bocas se pedem e são atendidas...

O tempo expandido na intensidade,
Projetando desejo, e tornando real...
Nosso abraço provoca o calor fatal,
Ao sentirmos sabores de felicidade..

A revelia de relógios é consumado,
O mais intenso de todo sentimento...
Vivemos no beijo nosso casamento...

Cada um a seu modo viu modelado,
O sonho perfeito com atrevimentos...
Viajando em minutos o firmamento...

A porta do banheiro praticamente aberta,
Levou-me a pensar que fosse um invasor...
No começo um medo estranho me tomou,
Mas a vi, quase em transe, linda e quieta...

As mãos, nos pontos erógenos, tremiam...
Pareciam moverem-se num ritmo lento...
Fui chegando devagar, mas muito atento,
Você parou me desnudou, e enlouquecia...

Varreu meu corpo usando as mão e a boca,
Levou-me a excitação extrema e não parou...
Deitou-me na banheira, pôs creme e montou...
Fomos ao céu, e você gritou feito uma louca...

Por algum tempo nossos ânimos relaxaram,
E o seu banho retomado com minha ajuda...
Mas suas mãos acariciaram áreas peludas...
Os hormônios e minha libido se exaltaram...

Foi sem pensar que percorri todo seu corpo,
Beijei seus seios, fui descendo, e por fim,
Sua intimidade pedindo um toque veio à mim,
Foi invadida em tempestade e fomos ao topo...

Passaram-se horas e eu nem sabia seu nome,
De repente lembrei que você morava ao lado...
Meu Deus! Que absurdo! Apartamento errado!
Você falou: pode ir, mas, por favor! Não some...

CALOR

Estava tão quente aquela tarde, que sem perceber agira de forma incomum à sua conduta.

Era uma tarde de verão. O sol fazia esforços para iluminar as ruas estreitas cheias de sobrados, que deixavam imensas sombras, arejadas pelo vento, que soprava uma brisa macia. Pessoas circulavam naturalmente naquela sexta-feira. Um dia normal, em que apenas via-se as mesmas caras, as mesmas rugas, os mesmos acenos de vizinhos e nada mais. Das sacadas das janelas, como a tentar absorver ar puro, debruçavam-se roupas, de cores variadas. Dentro dos sobrados, um calor intenso de tarde quente, juntava-se à falta de novidades. Bastava alguém estar triste, com o coração a bater num ritmo diferente que em toda extensão da rua, ou mesmo internamente, em qualquer quarto de qualquer casa, se fazia ouvir, como soluços, ou música lamentosa. No último andar, daquele sobrado, exatamente, o de número 83, uma casa verde, de três andares, ocupada nos dois primeiros por famílias, sendo o terceiro e último, uma pensão, onde uma mulher viúva, 41 anos, e sozinha, alugava as cinco dependências do próprio andar onde morava, e outras pessoas também sozinhas. Esta mulher, uma criatura sofrida, que habitualmente bebia cervejas. O motivo poderia ser qualquer um, a chuva, o calor, o dia alegre ou triste, tudo era um pretexto para ela beber umas cervejas.

Carregada ainda por um fogo interior, começou por abanar-se, até que aos poucos foi abrindo a blusa, deixando entrever os seios rígidos, suados e salpicados de sardas. Aquele corpo branco, macio, pesando seus 80kg, espremia entre as tetas, um coração amoroso, que estava fechado para a sensualidade.

Norma era o seu nome.

Arreganhou as pernas, suspendeu a saia até a cintura e abanhou-se.

Estava tão quente aquela tarde, que sem perceber agira de forma incomum à sua conduta. Jamais a sua vergonha permitira um comportamento como aquele. Que diria sua mãe se visse isso? E o padre da paróquia? Mas, esse calor! **Norma** num impulso se levantou, caminhou até o parapeito da janela, apanhou uma toalha felpuda que estava presa em uma corda e saiu cantarolando. Antes mesmo de chegar ao banheiro suas roupas já estavam caídas pelo corredor, nua entrou apressada sem se importar com a porta e sem fechar o box de plástico, entrou na banheira. Abriu as torneiras e sentou-se adocicando mais ainda a voz. Deleitou-se com a suavidade da água fria. Um misto de prazer e insatisfação se apossou do seu



semblante. Em um momento desejava ardentemente ser possuída como fêmea, e noutro arrancar a pele de tanto calor. O tempo passou se arrastando enquanto **Norma** vencida cochilou na banheira.

artur ghuma

Este dia, quando o calor invadia as janelas, na forma de bafordas quentes de ar, a sala, que servia para que todos almoçassem, era um misto de forno e muro das lamentações. Os cinco habitantes da casa, lânguidos, sem afazeres, a princípio trocavam suas dores verbalmente, depois, amoleceram, e escorregaram em suas posições iniciais, cada um, tentando poupar ao máximo as energias do corpo. O calor avançava sobre todos como se fosse um lençol encharcado de água quente. Todos transpiravam, e como a maioria dos habitantes daquela pensão eram gordos, exalava no ambiente um cheiro de azedo.

Os minutos, longos e demorados, faziam da tarde uma imensidão de tédio e vazio. **Albano** com seu cachimbo de barro, sem camisa, defronte a janela, aproveitava a parca luz para esculpir. Tinha nas marcas fundas dos cravos, a lembrança marcada na face, dos tempos em que a amargura e a dor compunham seu viver e de todos os seus limites. Não costumava conversar, achava difícil explicar o que sentia. As mãos já não eram as mesmas, suave muito, o que o impedia de ter firmeza com o "cacumbu", instrumento que usava para talhar madeira.



Andou de um lado para o outro na sala até que resolveu lavar as mãos. Como a porta do banheiro não estava fechada, entrou. Logo em seguida, fechou. **Norma** a dona da pensão cochilava, a cabeça recostada da banheira, a boca aberta deixando escorrer uma baba e os braços abertos relaxados no chão do banheiro, resto do corpo imerso na água. O calor estava tão intenso que derretia os valores morais e sociais das pessoas.



«O calor estava tão intenso que derretia os valores morais e sociais das pessoas.»

Albano entrou direto em direção à pia e enquanto lavava as mãos suadas, viu pelo espelho **Norma** dormindo na banheira. Fingiu que não estava olhando com medo de ser percebido, mas logo notou que a dona da pensão dormia. Aproveitou para examinar o que estava vendo e descobriu atributos positivos naquela mulher, ali, nua, inteiramente à disposição. Que faria a esta altura dos acontecimentos? Poderia ficar olhando para ela e se masturbar. E se ela o visse agindo como um adolecente? Será que o chamaria de tarado? Tanto tempo sem fazer sexo, que também não era muito

constante, tinha alimentado em si, o medo de enfrentar uma mulher cara a cara. Que fazer? **Albano** suou muito mais do que havia suado durante toda a tarde. Até os cabelos ficaram encharcados. O corpo nu até a cintura brilhou de tanto suor, as pernas tremeram enquanto encharcavam as calças. **Norma** cheia de preguiça abriu os olhos bem devagar. Não acreditou no que estava acontecendo. Esfregou os olhos e sem nenhum espanto encarou o intruso, presente no banheiro na hora do seu banho. Levantou-se com cautela exibindo todo o corpo e sem dizer nada esperou ouvir de **Albano** alguma coisa. Este apenas se desculpou e muito nervoso preparou-se para sair. Não tinha o pobre coitado forças, nem para avançar sobre a mulher parada ali, na sua frente, nem para abrir a porta e sair, como insinuara. Ela saiu da banheira e muito gentilmente caminhou para ele, segurou-o pela mão e o arrastou para o banho. Quando iniciou a despi-lo, este deu um salto para trás, pôs a mão no bolso, pegou as cinco pedras verdes brilhantes que ganhara da velha **Dona Augusta** e mostrou com o entusiasmo de quem tem como pagar. **Norma** não prestou atenção nas pedras, aproximou mais ainda de **Albano** e tirou a calça deste. Ele estava excitado e ensopado de suor. O cheiro da fêmea molhada pelo banho invadiu suas narinas, a pele parecia fresca como flores pela manhã. Tocou-a com receio, depois agarrou-se ao corpo macio com beijos, carícias e afagos. Caíram junto com as pedrinhas verdes no assoalho do banheiro. Geceram de prazer. Na sala, onde o calor insuportável abraçava a todos como uma presa, o silêncio era tal, que podia ouvir-se os gemidos no banheiro. Como se nada estivesse acontecendo, **Dona Augusta** com esforço se levanta, calça os

chinelos e arrastando os pés, vai para o seu quarto tateando junto à parede. Não esboçou nenhum pensamento quanto ao que estava acontecendo, não fez juízo nem a favor nem contra, já vira todo tipo de situação em sua vida, e esta era apenas mais uma, normal como as outras.

Edgar em seu mudismo deliberado reagiu de forma diferente. Como nunca tivera oportunidades com mulheres e com sexo, ficou muito nervoso. Aqueles gemidos mexeram com sua alma insegura e tentou em vão concentrar-se em números e estatísticas. Começou a andar, da sala para o corredor, e deste para a sala, obviamente passando pela porta do banheiro. Parava, olhava para a maçaneta como se fosse abrir, depois caminhava novamente.

Carmo, sai do seu quarto comendo biscoitos, que tirava de um pacote com papel vermelho brilhante. Neste tempo havia parado de beber, tentou dormir um pouco, mas não conseguira. Levantara com a intenção de trocar os discos da vitrola e foi surpreendida com os gemidos no banheiro. Percebeu o que estava ocorrendo e se excitou. Estava apenas de calcinha, sozinha na sala com aquele maluco andando de um lado para o outro. Deitou-se no sofá para ouvir melhor os gemidos e aos poucos, a mão escorregou docemente para a genitália, que passou a acariciar. **Edgar** voltava de uma das suas idas e vindas pelo corredor e parou contemplando **Carmo**, absorvida no seu afazer. Os olhos do professor esbugalharam e pareciam que ia saltar. Seus pés fincaram ao chão como se pesasse cem quilos cada um. Queria falar mas emudecera de verdade. Não sabia o que dizer nem o que fazer. **Carmo** ao vê-

CALOR

Debruçada na mesa, contando missangras como a rezar um terço, **Dona Augusta**, uma senhora cheia de lembranças boas, não conseguia perceber a vida da forma que os outros da casa gostariam, mas que no entanto, a tornava mais lúcida, mais coerente e com um raciocínio poético, que a olhos nus, demonstrava apenas a carolice de uma velha de 87 anos. Com mãos hábeis dedilhava as pequeninas pedras sem olhá-las e o fazia com tamanho...



conhecimento, que as descrevia constantemente, com a intimidade de amigos velhos, talvez de lutas e façanhas. **Edgar**, o professor de matemática, era sim, talvez o mais sombrio da casa. Vestia-se com rigor de um dândi. Suas atitudes eram previsíveis. Repetia com rigidez dos números, alguns hábitos, e um deles era o de ler jornais não se importando com a data do mesmo, todas as manhãs. Sabia a quantidade de letras e de palavras do jornal, a quantidade de anúncios e letras garrafais do mesmo. Em contra partida não comentava nada, não falava sobre o que lera, nem sobre as notícias, apenas se interessava por estatísticas e números.

Carmo, de camisola de cetim rosa, no pórtico da cozinha, sorvia a nona latinha de cerveja e transpirava sensualidade. A luz da janela de-frente punha reflexos sobre o tecido róseo, que molhado de suor, desenhava suas formas volumosas.

Caminhou até uma radiola de sala, daquelas em forma de móvel de sala de estar, muito antiga, pegou um long play de bolero da década de 50 e colocou para tocar. Começou a dançar. Ninguém reparou.

Angustiada e seduzida pelo álcool, **Carmo** aos poucos, depois de se deixar levar pela música, arrancou a camisola como se estivesse fazendo um show, deixando brotar os seios e a calça de renda bordada, quase transparente. Rebo-lava com entusiasmo viril, derretendo-se em dramatizações conforme a letra das músicas. Nesse vai e vem, sumiu por uma das portas. A vitrola engasgou um pouco, mas preenchia o ambiente com boleros. Enquanto isso rajada de ar quente penetrava pelas janelas e buracos do sobrado. Na sala, **Albano** e **Edgar**, cada um, sem prestar atenção em qualquer coisa, suavam sabe-se lá que terríveis dramas, pois a palidez das poucas palavras de um, perdia-se ante o mundo mudo do outro. Na verdade cada um absorvia e exalava a própria miséria, sua própria vida, independente de trocarem palavras no que diz respeito as coisas de interesse comum. O calor asfixiava os pensamentos e no mais, cada um morria sua própria morte.

D. Augusta separou algumas pedras de um verde escuro muito bonito. Ninguém fazia a menor idéia do valor daquelas pedras. Separou cinco pedras verdes e brilhantes e chamou **Albano**. Pediu que este sentasse ao seu lado, enquanto com sovínice guardava as pedras restantes em um saco de pano muito sujo e velho. Na mesa apenas as cinco pedras verde e brilhantes.

Albano acompanhou com os olhos todos os movimentos da velha, mudo, perplexo, tentando adivinhar o que desejava **Dona Augusta** com ele.

Fez-se silêncio. Ela o olhou com seriedade, jogou as pedras

por trás da mão, como no jogo de capitão, tão comum entre as crianças. Da posição que caíram as pedras, espalhadas sobre a mesa, se estabeleceu o mistério. Ficaram ambos calados, olhando o brilho de esmeralda das pedrinhas. De repente, um acesso de riso. **D. Augusta** ria muito sem explicar porque.

Albano sem entender esfregou as mãos suadas. Que poderia estar se passando na mente da velha senhora? Como poderia estar rindo daquelas pedras malucas, que nada sabiam e nada valiam? Teve medo. Ou será que valiam? **Albano** sentiu medo de tudo que estava acontecendo. **Dona Augusta** com os olhos cintilantes de argúcia e malícia chama **Albano** para mais perto e segreda-lhe algo aos ouvidos. Ele, suando cada vez mais, demonstrou nervosismo. Levantou-se e foi até a janela, mais antes, pegou as pedras verdes sobre a mesa e as pôs no bolso da calça. Na janela, riu silenciosamente como criança a esperar presente de aniversário. Por instantes se esqueceu completamente do cachimbo e do pedaço de madeira que esculpia e o cacumbu. Estava possuído de uma vibração nova e estranha.

Não mais o mormaço e o calor o atingia, mas uma flecha cer-teira que o sacudira de inopino. Tomado de emoção, comovido, sentia a presença de uma renovação da sua vida, ante à já gasta e tediosa morte, que lenta não deixava de estar à sua espreita. Depois que a **Dona Augusta** lhe cochichou ao ouvido ficou mais atento e pode perceber que mais um disco caíra na vitrola, que **Edgar**, com sua roupa surrada mas elegante, dormia suando como um cuscuz, e apenas a velha, era presença feminina no ambiente. Albano caminhou bêbado de dúvidas.

HUMOR em GÔTAS

O ESCRITOR NEURÓTICO

Não conseguia escrever seu vigésimo romance. As palavras engasgavam no meio da frase. Sofria de soluço literário.

UMA MULHER ECONÔMICA

Vivia contrariada por não conseguir toda atenção do marido. De tanto fazer bico, os lábios pareciam mais grossos. Economizou a plástica.

O HOMEM QUE ODIAVA ESCREVER

Usava sempre as mesmas palavras porque todas as outras fugiam dele.

MISTERIOSO OBJETO DO DESEJO

Tratava todos os clientes de "senhor" por puro fetiche.

ÚLTIMO SAMBA EM PARIS

Para reacender o desejo, alugaram um apartamento vazio. No primeiro encontro, riram como velhos amigos. No segundo, devolveram as chaves.

A GRANDE IDEIA

Escrevia com tamanha profundidade que certo dia desejou criar uma boia de leitura para seus fãs.

AS APARÊNCIAS ENGANAM

Não se continha mais. Vivia aos pulos. Seria um novo amor? Herança? Nada disso. Tique nervoso...

UM HOMEM SOLITÁRIO

Era tão solitário que, em uma viagem ao Egito, sentiu-se em casa ao se perder no deserto.

UMA MULHER ORGULHOSA

Era tão orgulhosa que chorava apenas na cozinha cortando cebola.

O INCRÍVEL CLUBE DAS LAMENTAÇÕES

Os sócios daquele clube não perdiam um campeonato de sofrimento em curta, média e longa distância.

INIMIGO SECRETO

Diziam que era complexo de bússola enquanto o homem jurava ter vindo ao mundo para dirigir os outros. Certo dia ganhou um volante.

DOR DE COTOVELO SUSPEITA

Embora fosse bem casado, criava apenas músicas tipo dor de cotovelo. Fez tanto sucesso com as letras tristes que até a mulher desconfiou da felicidade conjugal.

RIR É O MELHOR REMÉDIO

Era humorista e hipocondríaco.

DOLCE VITA



a vida

Apagaram-se das velas, as labaredas azuladas...
Derramou-se vinho tinto num bolso do paletó...
Todos perguntavam como eu ainda estava só,
Entre tantas atrevidas, no seio da madrugada...

Afogado na memória comecei nadar no tempo,
Enquanto batiam palmas e cantavam parabéns...
Perguntei-me a idade, mas não ouvia ninguém...
Queria festejar a vida, feito calor de novembro...

Embragado na alma uma nova dimensão, vivi.
Memórias de vidas outras, com a noção de ser,
Algo mais além da carne, difícil de se entender...
Mas ficou sedimentado, e a eternidade eu senti...

Vi-me átomo do universo nesse novo despertar...
Adimensional é sua vida, assim a fez o Criador...
Festejá-la devidamente é reconhecer seu valor;
É ser um filho de Deus, o do seu modo de amar...

Ser um com a felicidade, apenas praticando bem...
Olhar o espelho e ver na alma uma luz de alegria...
Perceber quanto do Sol, faz brilhar nossa poesia...
E amar sua própria vida dividindo-a com alguém...



-lo retira a calcinha devagar e com olhos lambidos, a boca convidando para o beijo se pre-
-parou para ser amada. Risos de felicidade no banheiro.

Carmo queria também tudo aquilo, queria ser feliz, queria ser amada, queria sexo e se to-
-cou com mais veemência. Esta-
-va tão louca por prazer que es-
-te logo veio, e se torcendo, ge-
-mendo e suspirando estirava as pernas enquanto as abria mais ainda. **Edgar** nunca tinha visto uma cena como esta e se espermou ali mesmo, parado diante do sofá a olhar para **Carmo**. A calça exibiu o seu feito. O professor deu um grito tão horripilante que toda a rua tremeu, assombrada. Caiu em seguida desmaiado, duro como uma pedra, e com o pênis apon-
-tando para o teto. **Carmo** cor-
-reu para o quarto assustada, sem nada entender, tremendo com medo. Deitou-se, cobriu-se dos pés à cabeça e esperou que a noite chegasse.



Suou muito, tanto que emagreceu. O grito assustou a todos.

Albano e **Norma** saíram do ba-
-nheiro com as almas e os corpos lavados. Enrolados em toalhas abriram a porta do banheiro e puderam ainda ver **Carmo** cor-
-rendo nua para o quarto, a bun-
-da branca balançando atrás das pernas suadas e nervosas. Viram então o professor, pênis em riste, desmaiado no meio da sala, com a calça exibindo uma enorme mancha de esperma junto à braguiha.

Edgar ficou assim por uns quinze minutos, desacordado ou fingindo, com vergonha que estava de si mesmo.

No mesmo instante que **Edgar** desmaiou, após o grito lascinante, no quarto do fundo,

Dona Augusta entregava sua alma para Deus. Morreu sem que ninguém ouvisse os seus gemitos, que foram abafados pelos gemidos que vinham do banheiro e de **Carmo** no sofá da sala. Morreu sem agüentar o calor, suada da cabeça aos pés.

Quando veio a noite, **Edgar** já não usava mais a roupa sóbria que estivera vestido durante o dia, mas uma camiseta e uma calça comum, normal como todo mundo. Cabisbaixo não ousou olhar os outros presentes.

Carmo voltou a sala decidida a chamar o professor para dormir com ela e sentou-se no sofá para esperar o jantar, com os olhos enamorados por **Edgar**. **Albano** cheio de vida, ajudava **Norma** a preparar a mesa. Comunicariam na jantar a resolução que os dois tomaram, de viver como marido e mulher.

Posta a mesa, alguém se habilitou a chamar **Dona Augusta** e só aí é perceberam que a velha havia morrido. No outro dia, já cientes que a velha morrera exatamente na hora do grito de **Edgar**, o boato que corria de boca em boca era de que o professor amava tanto aquela velha, que a estimava como se fosse a sua mãe, por isso ouviu-se aquele grito horroroso em toda a extensão da rua. O certo é que depois daquela tarde quente em que todos suaram muito, a vida deles não foi mais a mesma.



O homem "praquem" me derramo.

o homem "praquem" me derramo
- nessa nêspira fresca de sumo
a quem me dou em orgasmos
sob a queda dos astros
e o luar bem amornado
(entre as pernas...)
o homem "praquem" me derreto
calda de caramelo, morango e cereja
feito o que se verte no leite

viscoso

nata "in natura" - glossa, glossário...
dentro do que me significo: (...)

- banhada ao suco...

e a íris que se revela

expande-se na órbita mais louca
tecendo o lúbrico: teu corpo viçoso
brilhante e belo.....

na mistura "praquem" me entrego.
nesse silêncio

disfarço o grito crepitante

e me calo pegajosa

em frêmitos...

PRAZER PRAZER PRAZER PRAZER PRAZER

PRAZER I

Sou tua nuvem deitada.
Conchega-te em mim,
Roça-me a língua safada...

PRAZER II

Frases o tempo param,
Eternidade nos lençóis.
Nu, nozes pra nós.

PRAZER III

Torpor dos sentidos,
Humores perfumados,
Valsam no orgasmo os amantes.

PRAZER IV

A espada hirta
Arrebata-a fundo...
Derrama de amor.

PRAZER V

Uma serpente
Move-se nas minhas entranhas...
Coito.

PRAZER VI

Outra serpente
Convulsiona minhas entranhas...
Orgasmo.

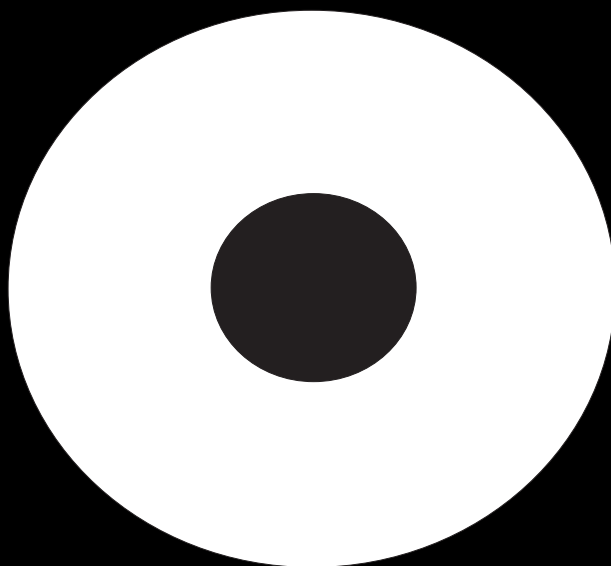
©Kathleen Lessa, 27maio2011
<http://www.kathleenlessa.prosaeverso.net/>



A Dama do Poetrix

KATHLEEN LESSA

GRUTA



cresce a umidade-nata
por sobre a relva macia
onde os peixes sobrenadam
aprofundam-se no (meu) íntimo]
como se a rede fosse farta
e nessa téia ácida o desprender-se
do calafrio...

o suportar de arrepios...
até que se apercebam em barbatanas
o que se cola e o que se gruda
dentro dos meus cílios
teu grosso e espesso em deslize
na minha gruta em vertigem...

Lacuna Coil

Preste atenção minha gente
Que tá aqui nesta função
Parecemos encurralados
Como flagelados no sertão?

- flagelado não, seu moço!
Deixo aqui todo esforço
Do suor deste meu rosto
A irrigar este meu chão.
Mas nem tudo é um engano
Como mostra esta canção
Encurralados estão eles
Que estão vendendo a nação.
Encurralados estão eles
Ou encurralamos a nação.

Sei que o mundo não é mais o mesmo
Depois da grande implosão
A onda agora é outra
A tal globalização
Globalizando por inteiro
A reação do brasileiro
Encurralado no sertão.
- sem terra ou cangaceiros?
- stédile ou lampião?
É o neocangaceirismo
Sequeando a situação
É o neocangaceirismo
Balançando a nação.

Tomaram conta da terra
Com tanta terra que tinham
Não plantaram nem criaram
Mas diziam - esta é minha!
O primeiro pediu voto
Pros descamisados no sertão.
O segundo veio rindo
Estendendo sua mão
Que seria seu compromisso
De alavanca da nação.

Mas a mão que pede voto
É a mesma que oprime
É a mesma que recebe
É a mesma que propina
É a mesma que abençoa
É a mesma que afana
É a mesma que acena
É a mesma que afaga
É a mesma que assina
É a mesma que assassina
É a mesma que demite.
A mão que pede voto
Não é a mesma que trabalha.

ENCURRALADOS

bob
bob batista

* Para a peça Encurralados
ou A Confusão ou
A Função Que Não Foi
de Arthur Ghuma, 1999



Ele agora está de volta
Com a cara do real
Enfiando ferro quente
Dizendo que é natural
Fala muitos idiomas
O traste cara de pau
Desse pau que não tem
Cheiro
A leide dai dos
Brasileiros
Viajando o mundo
Inteiro
Vai gastando o dinheiro
Do suor dos brasileiros
Futebol e fevereiro
Vai vendendo a nação
Futebol e fevereiro
Vai vendendo a nação

Desempregando pais e
Filhos
Mata assim nosso
Destino
Nosso sonho de menino
De fazer uma nação
Uma nação de
Nordestinos
Encuralando a nação

Desempregando pais e
Filhos
Mata assim nosso
Destino
Nosso sonho de menino
De fazer uma nação
Uma nação de
Nordestinos
Encuralando a nação
Bob batista

ANDAIME

Nos últimos tempos venho
pensando sobre qual papel
Tenho desempenhado na vida das pessoas...
Minhas questões giram em torno
Do “para que”,
Mais que do “por que”.
E na sua vida que já me foi tão preciosa e querida,
Surgiu uma palavra como num insight:
“ANDAIME”.

Eu a recebi com certo ar de espanto e logo
A peguei nas mãos para melhor senti-la e
Levei a boca como um bebê pela necessidade
De conhecer e até mesmo de introjetar:
Lambi, suguei, mastiguei, ruminei, digeri...
Só assim obtive as respostas.
Confesso que me encantei e até sorri!
PLATAFORMAS...

Isso que minhas letras constituíram
Permitindo-lhe acessar cada recôndito,
Antes por musgos, habitado...
Então, respirei fundo e senti a bênção
do nosso encontro,

Embora sabendo da limitação
da ajuda porque
Andaimes são construídos do
solo para cima,
Não vão até os abismos: do
solo para baixo.

Para chegar ao subterrâneo
não há suporte externo,
Tem que se ir além e pelos
próprios pés e
Bem sedimentados ao chão.
É pra quem deseja e aguenta
suportar,

Como árvores em meio aos
vendavais...
É descer inúmeras plataformas
Mesmo sabendo que são
esqueletos que
A qualquer momento podem
desmoronar...

E bem sei que andaime é uma
estrutura utilizada,
Temporariamente, só enquanto
a obra durar.

Uma vez que o papel do
andaime é dar suporte
E evitar a queda, por uma
questão de coerência
Ele deveria ter sido
desmontado com o mesmo
Zelo e carinho que te serviu,
Mas faltou-lhe sapiência...



nina flor



